

Façam o jogo. E lá se vai a grana

Plataforma da Rodoviária vira um verdadeiro cassino a céu aberto

A proliferação dos camelôs na plataforma superior da Rodoviária, que atirou os pedestres à rua e tomou conta de toda a extensão entre o CNB e o Conic, mais do que desagradar aos lojistas e poluir visualmente o centro da cidade, tem servido para a formação de uma pequena "quadriga" de espertalhões, dedicados a tarefa de conseguir dinheiro às custas dos inocentes e dois "otários".

A tela montada para aprisionar as vítimas em potencial inclui todos os elementos necessários, até mesmo um círculo disfarçado dos promotores de jogos de adivinhação com cartas de baralho ou bolinha de borracha, manipuladas sob tampas de metal. O inocente, que recebe diversos apelidos mas tem destino certo e inevitável, pode até vencer as primeiras disputas.

Faturamento diário é de 50 mil

Nó "gira a bolinha, tira a bolinha, bota a bolinha, na branca perde, na preta ganha", os pârias da sociedade estão encontrando meios de ganhar até Cz\$ 50 mil por dia, mantendo equipa e pagando Cz\$ 5 mil por pessoa, mas ficando, naturalmente, com a maior fatia do bolo. E a praça dos jogos de adivinhação com cartas de baralho e bolinhas de borracha, manipuladas sob tampas de metal. O que vale é a habilidade e rapidez do "boça de cassino" (banqueiro), contra a ingenuidade e ambição dos que apostam. Numa fração de segundos, a bola desaparece de sob a forminha e, com ela, vai-se o salário de um pai de família que sonhou em ficar rico — ou, pelo menos, ganhar uma boa bolada.

O que não falta na cidade são "otários", "coelhos", "gatos" e "cavalos", apelidos dados pelos próprios exploradores às suas vítimas. Em torno deles, desempregados, desocupados, ex-presidiários e até policiais aposentados fazem a festa em tocos, caixotes de papelão pelas calçadas que se estendem do Conjunto Nacional ao Setor Comercial Sul, passando pelo Conic, na Plataforma Superior da Rodoviária.

Otário com dinheiro é malandro perturbado. Esta é a filosofia dos que vivem da exploração do jogo. Pode ganhar até uma ou duas "paradas", com a ajuda de um círculo do banqueiro, chamado de "agá". Ganhou, tem que continuar no jogo até que não lhe reste nada no bolso. A polícia sabe de tudo, conhece nomes e faz prisões. Em vão. Com fiança de Cz\$ 10, o banqueiro está de volta às ruas, solto. A Justiça não condena ninguém. E mais questão social que ilícito penal. Jogo é contravenção e há casos mais graves a setrar. Os processos prescrevem sem julgamento.

BOCAS DE CASSINO

Tampinha, boca de assinado, empresa, banqueiro.

Cúmplice garante lucro da banca

Quem pára interessado nos jogos, seja o de cartas, de tampinhas ou o do cíntio que ninguém consegue prender com a caneta, é uma vítima em potencial. Recebe convites amistosos para participar das apostas, é provocado com insinuações sobre estar sem dinheiro ou ser crente. "A Bíblia não deixa os crentes jogarem", dizem os agás. Uma mulher se insinua, estimulando o otário a tentar a sorte. Se ganhar terá que gastar com ela, aliás mais uma parceira do dono da banca.

Mas o apostador não sabe disso. Outras mulheres se aproximam. São trabalhadoras, honestas, apenas querem se divertir. Viram uma mulher na roda e resolveram chegar perto. Estão sem dinheiro. Duas delas, Marly e Joelma, afirmam que a lanchonete em que trabalham está em reforma. O patrão lhes paga salário mínimo e o que vale mesmo são as gorjetas, que fazem a renda mensal dobrar. Pretendem até pedir um vale ao patrão, que está acompanhando as obras, só para também jogarem.

João Batista Vigilato é gari do SLU. Mora em Planaína e já teve mulher que lhe deu quatro filhos, todos criados. Paga aluguel por uma vaga e tem salário de Cz\$ 18 mil. Chega na banca e apostou nas cartas contra o banqueiro, que vira e desvira o baralho com a rapidez de um ralo. São três cartas trocadas de lugar em movimentos difíceis de se acompanhar com os olhos.

Se der branca, perde, mas ganha com a vermeleira. Vigilato viu a vermeleira cair e o agá aponta a beirada amassada, que a identifica. O freguês marca a carta que escolheu e mete a mão no bolso. O banqueiro vira a carta e Vigilato perdeu. Nova tentativa, seguida de outras. O aluguel tem que ser pago, mas ele já perdeu cinco rodadas. Foram Cz\$ 4 mil 500 rapidamente. Otário, não entende como o agá acertava sempre e imagina ter sido roubado.

Mas o que está feito, está feito.

Paulo André trabalha para o banqueiro, que é conhecido como Charles Chaplin. Po-

mas quase sempre acaba sem um tostão — sequer o dinheiro para a passagem de ônibus.

As autoridades policiais têm conhecimento da rede armada na plataforma da Rodoviária, conhecem os principais "banqueiros" e até faz prisões. Relaxadas, graças às incongruências do sistema judicial, mediante o pagamento da modesta e ridícula fiança de Cz\$ 10. O jogo não é crime, só contravenção, e por isso segue arrancando dinheiro de muita gente.

O repórter João Paulo Barbosa, da Editoria de Cidade, esteve durante dois dias convivendo com os promotores das "bocas de cassino" e pôde constatar que há pessoas que acabam deixando por lá o dinheiro reservado para o aluguel, para pagar remédios ou até para fazer a feira do mês. Eis o seu relato:

1

OS CINCO LANCES DA TRAPACA

EUGENIO NOVAES



1 O "banqueiro" — geralmente vestido com roupa simples — espera a hora certa de atacar. Disperso na multidão, mas já combinado com seus "agás" (auxiliar que chama para o jogo), prepara-se para mais uma rodada de um jogo de cartas ou esconde bola. Duas brincadeiras que tiram muito de quem já tem pouco.



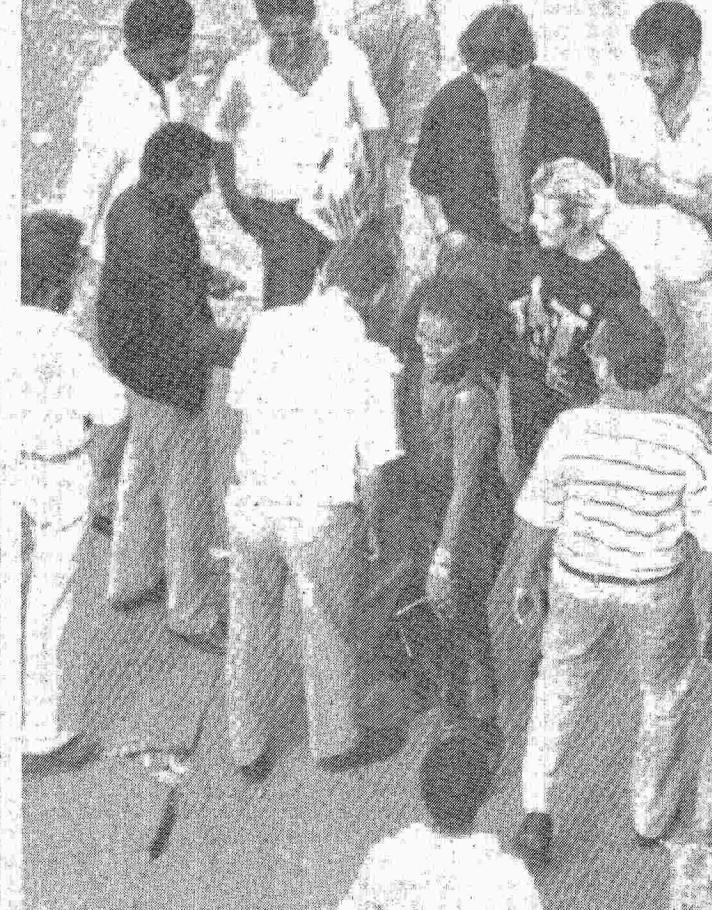
2 A cena já está arrumada. O "agá" chama à participação populares que acompanham curiosos o jogo de palavras do "banqueiro". Promete-se ganho fácil em troca de esperteza. Tudo é muito simples: quem arrisca Cz\$ 1 mil pode levar até Cz\$ 2 mil ou dobrar a aposta com qualquer caco. No final, quase sempre, quem leva é o contraventor.



3 Façam suas apostas. O jogo está iniciando. Com frases fáceis e rápidas, o banqueiro demonstra agilidade no trocar cartas. A primeira vista, o jogo não apresenta dificuldades. Os "agás" dão confiança ao apostador. As cartas podem estar marcadas, aumentando a autoafirmação de quem precisa de dinheiro e resolve arriscar.



4 Uma tática utilizada com maestria: chamar o apostador para o jogo, oferecendo-lhe à mão as cartas que poderão lhe render boa quantia. Funciona e é mais uma cena para fortalecer a vontade de arriscar. Mas é como o alimento oferecido a um pássaro pelo caçador. Apenas uma isca para o tiro fatal.



5 Algumas mulheres, que se dizem "honestas e trabalhadoras", aproximam-se da banca e até insinuam que, se o otário ganhar, deverá gastar o dinheiro com elas. Mas o gato perde, para variar. Quem acompanha a trapaça acha graça e faz gozações. O banqueiro tenta convencer o apostador a arriscar a sorte novamente. Os "agás" o ajudam nesta tarefa, disfarçando amizade e solidariedade. Ao final, a mesma triste cena que se repete todos os dias, inúmeras vezes, no pequeno "cassino" montado sobre a Rodoviária: alguém que sonhou em duplicar seu modesto capital acaba deixando sobre os caixotes tudo o que tinha.

CNB quer tirar camelôs

Uma comissão representando cerca de 240 lojistas e empresários do Conjunto Nacional reivindicou ontem a retirada imediata dos camelôs que ocupam a passarela entre o Shopping e o Setor de Diversões Sul. Os comerciantes apresentaram ao secretário de Viação e Obras, Carlos Magalhães, um dossier e um vídeo onde mostram que a presença dos ambulantes causa perigo aos transeuntes, aumenta a sujeira no local e traz problemas como a presença de tóxicos, jogo, prostituição infantil e venda de mercadorias contrabandeada.

José Pires, um dos membros da comissão, explica que a situação da passarela, por onde transita diariamente parte das 70 mil pessoas que vão ao Conjunto Nacional, alcançou um nível desportivo de final de ano. A

Secretaria de Viação e Obras retirou as barreiras,

mas os camelôs voltaram alguns meses depois e desde abril, sua presença tem incomodado os frequentadores e a população fixa do CNB, estimada em seis mil pessoas.

IRREGULARES

O documento apresentado ao secretário Carlos Magalhães mostra, em primeiro lugar, que os ambulantes estão em situação irregular, lesionando o patrimônio público e dificultando o fluxo de pessoas, que têm às vezes de transitar no asfalto, sujeitando-se a acidentes. A violência no local, segundo os dados apresentados, é crescente e se junta ao consumo de tóxicos, aos casos de prostituição infantil e de jogo, além da venda de mercadorias contrabandeada.